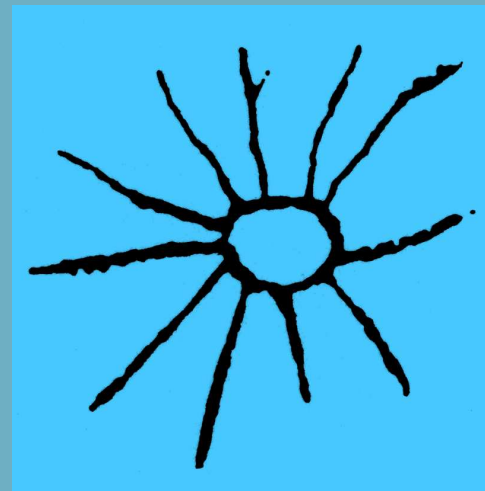


## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Ródão, há quatro décadas,  
um eixo vertebrador do “meu mundo”

Depoimento de Luís Raposo



Vila Velha de Ródão, 2011

**Ródão, há quatro décadas,  
um eixo vertebrador do “meu mundo”**

*Ano após ano, as mesmas obsessões: o tempo, esse tempo imperscrutável que a razão teima em descobrir; o espaço, que nos persegue e esmaga na grandeza infinita dos seus contrários.*

*E, de imediato, a persistente imagem de uma região que nos ensinou a ser adultos. De Ródão guardamos a memória do diálogo com um passado que só encontra equivalente na majestade da paisagem que o encerra. Das casas do Salgueiral, às cristas que constituem a Serra; dos terraços e conheiras que o Tejo prodigamente distribuiu, ao rendilhado de oliveiras que mão humana pacientemente semeou; do sentir vivo de homens e animais, à conservação surda da sua imagem nos milhares de motivos artísticos que flanqueiam as margens do “grande rio”... tudo em*

*Ródão nos faz esquecer as fronteiras entre passado e presente, Homem e Natureza, próximo e distante.*

*Que proximidade maior do que a do longínquo ribombar das imponentes trovoadas de Setembro. Que distancia mais absoluta do que a das bem audíveis imprecações de quem, lá onde a vista não alcança, cumpre esforçadamente o drama de todos os dias.*

*O silêncio dos grandes espaços tem um especial significado em Ródão, onde possui sons característicos: o das pequenas criaturas, em tardes de calor na charneca de Fratel ou em noites de luar, no alpendre da Senhora da Alagada, como Tejo por cenário; o da grandeza da alma humana, que em sítios como o Alagadouro tem o nome de Carepa para em Vilas Ruivas se chamar Zé Lopes.*

*Nomes simples, afinal. Tão simples como o pedaço da terra que melhor nos fez descobrir as raízes. E, em toda a plenitude de uma aprendizagem constante, sermos um pouco mais humanos.*

Foi assim que há quase duas décadas, levava outras tantas de andanças rodanenses, me exprimi, quando o amigo Lopes Marcelo me

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”

Luis Raposo

pediu que fizesse um texto evocativo da minha ligação àquela terra<sup>1</sup>. E por causa dele recebi depois do inspector Baptista Martins a melhor compensação que pude ter em tantos anos passados naquele recanto do Mundo: “Homem, não sabia que você também era poeta!” – exclamação seguida de efusivo abraço.

Não, não sou poeta. E por isso continuo hoje a sentir a mesma dificuldade em passar a escrito o silêncio profundo que Ródão deixa dentro de mim. Afinal, como explicar que devo quase tudo a Ródão, seja no plano profissional e da razão, seja no plano pessoal e dos afectos?

Desisto, pois, de ser organizado. Outros, pela maturidade que já tinham há quarenta anos e pela memória que hoje mantêm, hão-de seguramente prestar depoimentos substantivos, cheios de notas infrapaginais. Pelo meu lado, limitar-me-ei a recordações ao correr da pena.

Em 1971 eu era ainda estudante liceal, do Liceu D. João de Castro, em Lisboa. Naquilo que se chamava de “actividades circum-escolares”, interessava-me por voleibol e tiro, do lado do desporto, e por jornalismo

e arqueologia, do lado da cultura. Creio que ambos estes últimos interesses me foram inculcados pelo professor João Salvado, jornalista e arqueólogo, que mobilizou um grupo de jovens para a criação de uma espécie de clube de arqueologia no Liceu, pouco depois alargado a várias outras escolas e transformado em Centro Piloto de Arqueologia. Foi aí que desertei para a arqueologia.

Mas depressa se proporcionou tomar contacto com um grupo de jovens universitários reunidos numa cave junto ao Instituto Superior Técnico, que cheguei a frequentar, ajudando depois na mudança para o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, onde o director, D. Fernando de Almeida, lhes oferecera magnanimamente instalações, confiado na liderança de Vítor Oliveira Jorge, já então estudante finalista, com tese de licenciatura monumental, sobre “complexos industriais de seixos afeiçãoados”. Foi nesse ambiente universitário, onde eu era o infiltrado dos liceus, nesse Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (GEPP), como se passou a designar, que se juntaram as variáveis de tempo e espaço que haveriam de forjar toda uma geração, a “geração do Tejo”, como lhe chamou António Carlos Silva,

---

<sup>1</sup> In M. Lopes Marcelo (1993): *Beira Baixa*, p. 146. Ed. Presença, Lisboa.

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”

Luis Raposo

Fizemos fichas descritivas analíticas de “seixos afeiçoados”, cultivámos a arqueologia analítica, iludimo-nos com os níveis de inteligência superiores que a “livre combinatória de atributos” e uso das máquinas computacionais, ou ordenadores, poderiam permitir alcançar. Ocasionalmente fomos ao campo. Mas rapidamente nos cansámos, pelo menos eu, das prospecções repetitivas e um tanto inconsequentes em rechãs e cascalheiras litorais, sem contextos estratigráficos e sem “fósseis directores” (conceito que, aliás, tínhamos por proscrito).

Pedimos por isso conselho a Mestre Zby, que nos indicou um terreno virgem e de grande interesse potencial: a região de Ródão. Havia cartografadas importantes formações sedimentares fluviais plistocénicas e nem uma só peça paleolítica relevante tinha sido ainda encontrada. Não havendo aí “coutadas” ou interesses instalados, era esse o território indicado para que um grupo de jovens, esforçado é certo, mas algo impreparado (pelo menos na perspectiva da investigação tradicional sobre o Paleolítico português, de raiz geológica ou paleontológica), pudesse “fazer pela vida”, mostrando a sua valia e contribuindo com algo de útil para o “progresso da ciência”.

Estávamos nós em fase adiantada de preparação de uma primeira missão em Ródão, quando o Francisco Sande Lemos nos indicou que o sogro, o etnólogo Paulo Caratão Soromenho, tinha recolhido a informação da existência de motivos gravados junto ao Tejo e nos pedia que fôssemos confirmar, para depois lhe dizer se teriam valia etnográfica.

Não participei nessa primeira ida a Ródão. Mas sei que assim foi feito, tendo-se imediatamente reconhecido o carácter não etnográfico, mas arqueológico dessas gravuras. As notícias correram rápidas e quando dias depois eu saí do comboio em Fratel, já vislumbrei ao longe, em caminho de regresso, Octávio Veiga Ferreira que me gritava: “Não vale a pena ires, Luisinho!” (assim ele me tratava, com carinho), acrescentando: “É tudo falso. São coisas feitas com tirofundes, pelos construtores da linha de comboio.” Felizmente, esta avaliação, que curiosamente repetia as primeiras quando se descobriu Lascaux e vimos mais recentemente regressar, quando se descobriram as gravuras do Côa, não teve grande impacto, mesmo nos *media* da altura e nomeadamente no “Diário de Notícias” que pelo punho de João Salvado dedicou à descoberta reportagens desenvolvidas, com chamadas de primeira página.

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”

Luís Raposo

Sucederam-se três ou quatro anos intensos de trabalho – dos mais extraordinários da minha vida, apenas parcialmente interrompidos pelo ingresso nos quadros do ensino preparatório e pela militância sindical e político-partidária inerente ao período que se viveu a seguir a 1974.

Ainda em 1972 obtiveram-se autorizações de intervenção arqueológica, sob o patrocínio de Eduardo da Cunha Serrão, que se converteu em coordenador geral dos trabalhos; fizeram-se pedidos de apoio, respondidos pelo Ministério da Educação Nacional e pela Fundação Calouste Gulbenkian; apresentaram-se relatórios exaustivos, tirando aqui partido em grande medida da capacidade organizativa imensa do Jorge Pinho Monteiro; mobilizaram-se muitos mais colaboradores, a maior parte estudantes colegas nossos na Faculdade de Letras de Lisboa ou noutras escolas superiores, mas alguns provenientes de Espanha, através da ligação proporcionada por Maria Angeles Querol, e outros ainda mobilizados localmente, no que se deu origem a um movimento associativo patrimonial que ainda hoje perdura; organizaram-se equipas de terreno: prospecção e topografia; fotografia; moldagem...

Ródão tornou-se, de repente, numa terra de concentração de estudantes universitários, altamente motivados para uma finalidade,

mas também irreverentes ou até vagamente subversivos, seja no plano dos costumes, seja no plano da liberdade de pensamento, que exercitávamos à noite, em locais ermos, dizendo e cantando Adriano, Zeca ou Manuel Alegre, ou despreocupadamente em cafés, comentando as injustiças da vida – até ao dia em que alguém nos avisou estarmos a ser observados de perto por gente da PIDE.

À altura eu continuava a ser um dos mais novos do grupo, porventura o benjamim. Além do mais estava principalmente motivado para o Paleolítico, pelo que a minha colaboração na vasta equipa criada foi apenas a de me inserir no plano gizado, integrando-me na brigada de moldagem, dirigida pelo António Martinho Baptista. Assim, passei longos períodos durante os anos seguintes. Por vezes, estando em Lisboa, eram-me cometidas tarefa logísticas, como a de proceder à burocracia inerente ao recebimento de enormes bidões de borracha líquida (látex), importada da Malásia, e de a fazer expedir, por via férrea, para Ródão, onde era recebida pelos colegas no local.

Em 1973 houve ensejo de apresentar uma comunicação ao III Congresso Nacional de Arqueologia, reunido no Porto, depois de em 1972 terem sido feitas algumas notícias preliminares, dando conta da

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”

Luís Raposo

descoberta da arte rupestre do Tejo. A mera lista de autores dá conta, pela sua vastidão, dos tempos que vivíamos, ainda antes da democracia política ter sido instituída no País. Tudo discutíamos e discutíamos intensamente; as palavras eram sopesadas uma a uma e delas procurávamos retirar conceitos sofisticados; os modelos da linguística, derivados do estruturalismo, estavam em voga; Levi-Strauss era autor obrigatório. A propósito, lembro-me de uma noite em que, partilhando o quarto da pensão de Fratel com o Jorge Pinho Monteiro, termos discutido quase toda a noite os tristes trópicos, ou algo semelhante, com enorme gáudio intelectual e sofisticada argumentação dele, a qual, imagino, deve ter-se prolongado mesmo depois de eu ter adormecido.

Depois de concluída a barragem de Fratel e submersa a maior parte das gravuras, houve lugar a repensar a ocupação da vasta equipa constituída. Uma parte regressou aos seus diversos interesses iniciais, alguns no âmbito da história da arte (Vitor Serrão, Fernando António Pereira...) ou da arqueologia geral (Francisco Sande Lemos, João Ludgero Gonçalves, Teresa Marques...) ou noutras áreas (Manuela Rêgo, Helena Afonso...); outros passaram a interessar-se especificamente pela arte rupestre pré-histórica (António Martinho Baptista, Mário Varela Gomes...); outros ainda regressaram às origens,

quer dizer, à motivação que inicialmente nos levava a Ródão: o Paleolítico. Foi o caso do António Carlos Silva e de mim próprio.

Importa sublinhar que mesmo durante o auge das campanhas de levantamento de arte rupestre, houve quem procurasse “olhar” para os terraços fluviais. Foi assim que o Francisco Sande Lemos e eu próprio percorremos a formação de Vilas Ruivas, nela recolhendo seixos talhados e núcleos que enchiam pesados bornais, com que chegávamos à Pensão Castelo, no Porto do Tejo, onde todos então pernoitávamos. Não admira, pois, que em 1977, quando regressámos ao Paleolítico, e retomámos em força a “velha” sigla de GEPP, já então reforçados pelo José Mateus, a Maria João Coutinho, o Carlos Pimenta ou o João Zilhão, entre outros, tivéssemos começado por Vilas Ruivas, onde viemos a detectar um horizonte de ocupação humana do Paleolítico Médio, reconhecidamente importante pelas estruturas de *habitat* registadas.

Iniciámos em simultâneo um processo de prospecção sistemática da região, no âmbito do qual detectámos o importante sítio acheulense do Monte do Famaco. Logo depois decidimos segmentar o GEPP, constituindo uma equipa que passou a trabalhar na região de Tomar,

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”

Luís Raposo

mais orientada para grutas e abrigos sob rocha, integrando também o Luiz Oosterbeek, e mantendo nós, eu e o António Carlos Silva, os trabalhos sem Ródão, que em 1982 seriam enriquecidos pela descoberta do sítio da Foz do Enxarrique, feita por Francisco Henriques, um dos jovens locais que desde a primeira hora nos acompanhou nas andanças da arte rupestre e se tornou, até hoje, um dos nossos mais queridos amigos.

Os tempos vividos nesta segunda fase da minha recordação de Ródão, nos quais se insere desde os primeiros anos aquela que veio a ser a minha companheira para a vida, a Ana, são-me porventura ainda mais agradáveis do que os da arte rupestre. Mas deles não cumpre recordar nesta ocasião. Ficam para novo ensejo. Por agora o que importa assinalar é como na roda da vida, sinto agora, passados quarenta anos, o privilégio porventura irrepetível de uma feliz conjugação entre acaso e necessidade, que fez de mim o que sou. Sem margem para dúvidas, Ródão foi e continua a ser o eixo vertebrador do meu mundo.

Luís Raposo

Membro do GEPP

Director do Museu Nacional de Arqueologia



Luís Raposo, à altura da descoberta da arte rupestre do Tejo.



**NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO**

**Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”**

Lúis Raposo



Lúis Raposo, em trabalho de moldagem durante os trabalhos de registo da arte rupestre do Tejo (foto de António Martinho Baptista).



**NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO**

**Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”**

Luís Raposo



Convívio na Pensão Castelo, no Porto do Tejo: Helena Afonso (à esquerda, em baixo), Luís Raposo, Teresa Marques e António Martinho Baptista (fotografia cedida por António Martinho Baptista)

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”

Luís Raposo



Na Ponte sobre o Tejo, em Ródão, durante as escavações de Vilas Ruivas (1979). Em pé, da esquerda para a direita: Francisco Sande Lemos, João Zilhão, José Mateus, Luís Raposo, Alves Bento, Ana Raposo. Agachados: Carlos Pimenta (Maico), Vítor Leal, Maria João Coutinho e Edmundo Rijo.